

## Especial Folclore



Neste mês de agosto, quando o Brasil comemora do Dia do Folclore, (22/8) o Sistema de Bibliotecas Vera Cruz se antecipa à data e disponibiliza para todos os profissionais do Vera uma listagem de publicações disponíveis em nossas bibliotecas sobre o tema e indica inúmeros *links* que o ajudarão a ampliar os seus conhecimentos sobre cultura popular.

### Por que uma notícia especial?

O folclore não é algo distante, encontrado apenas nos livros, festas e atrações turísticas, ele faz parte de nossas origens. Mesmo vivendo em grandes cidades, muitos de nós ainda vivenciam práticas que vêm de muitos séculos – desde o tempo dos bandeirantes, tropeiros e índios – e quase não nos damos conta disso. O folclore está nas festas juninas

de nossas escolas, nos virados à paulista dos cardápios dos restaurantes, nas redes de dormir de nossas varandas, nas receitas de doces e em muitos outros lugares. O folclore está em tudo que somos.

O Brasil, com seu vasto continente, apresenta regiões distintas, com diferença de intensidade das influências dos povos formadores. Neste especial você conhecerá os vários desdobramentos da nossa cultura popular e muito mais.

Confira nos links a seguir:

**Clique aqui e saiba como surgiu a palavra folclore.**

**Confira algumas lendas brasileiras clicando aqui.**

**Encontre informações sobre a cultura e o folclore paulista, abrangendo as festas, as danças, as músicas e o artesanato.**

**Conheça, aqui, as publicações relacionadas ao tema presentes no acervo das nossas bibliotecas, publicações que foram subdivididas em cinco**



**subtemas para facilitar a sua pesquisa: folclore, festas, danças e músicas folclóricas, além do dicionário que é referência mundial para qualquer estudo sobre o folclore brasileiro.**

**Para saber mais**

### **Que história é essa de folclore?**



A palavra "folclore" foi criada em 22 de agosto 1846, pelo pesquisador de cultura europeia e antiquário inglês William John Thoms (1803-1885), para denominar um campo de estudos até então identificado como "antiguidades populares" ou "literatura popular".

Essa proposta foi publicada no jornal londrino *The Atheneum*, Thoms escolheu duas palavras de origem saxônica: *folk*, que significa povo, e *lore*, que significa saber; formando assim o *folk-lore*, ou a "sabedoria do povo". Com o tempo, a palavra foi sendo utilizada sem o hífen, tornando-se simplesmente *folklore* ou folclore, como é usada no Brasil.

Podemos pensar o folclore como o conjunto de tradições culturais transmitidas, em geral, de forma oral e sem influência acadêmica ou erudita, tais como danças, músicas, manifestações religiosas, festas tradicionais, brincadeiras infantis, superstições, lendas, mitos, entre outros. Muitos estudos foram desenvolvidos no mundo, ao longo do tempo, sobre o folclore e o que poderia ser considerado folclore.

No Brasil, tivemos grandes estudiosos, como Renato Almeida, Mário de Andrade e Câmara Cascudo, este considerado referência mundial no tema.

Para mais detalhes consulte o texto *Estudos sobre folclore no Brasil: breve panorama*, no endereço:

**<<http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/especial/docs/200708-estudossobrefolclore.pdf>>**



## Confira algumas lendas brasileiras bem conhecidas

- **Saci-pererê**



O Saci é uma lenda do folclore brasileiro e originou-se entre as tribos indígenas do sul do Brasil, no século XIX.

Dizem que, no início, o Saci era um pequeno curumim muito endiabrado, moreno e com duas pernas. Mais tarde, os descendentes africanos recriaram a imagem do Saci, influenciados por sua cultura. O Saci perdeu uma das pernas (lutando

capoeira) e ganhou um cachimbo.

Os europeus também contribuíram para a formação da nossa atual imagem desse ser lendário, dando-lhe o gorrinho vermelho tão característico.

O Saci é muito travesso, diverte-se com os animais e as pessoas. Às vezes ele esconde os dedos das costureiras em buracos e faz o feijão que está no fogo queimar. Para capturar o Saci, é necessário prendê-lo com uma peneira e retirar o seu gorro. Assim, o Saci não escapará, podendo ser mantido numa garrafa vazia.

No calendário oficial brasileiro, em 31 de outubro é comemorado o Dia do Saci.

- **Curupira**



O Curupira é um personagem muito antigo do folclore brasileiro, sendo citado até por José de Anchieta. De origem indígena, esse ser fantástico é considerado protetor dos animais e das florestas. Ele espanta, com suas ilusões e agudos assobios, caçadores e lenhadores que tentam acabar com a natureza.



Difundida por várias regiões brasileiras, a figura do Curupira possui diferentes versões. Em alguns locais, o Curupira é visto como um ser todo peludo que possui dentes verdes. Em outras regiões, ele tem orelhas enormes e é mais calvo. Há quem diga que o Curupira carrega um machado feito do casco de jabuti.

De qualquer maneira, a imagem mais comum do Curupira, e que a maioria conhece, é a do garoto de cabelos pontudos e vermelhos, astuto e matreiro. Seus pés são virados para trás, o que faz com que as pessoas fiquem confusas ao tentar segui-lo através de suas pegadas.

- **Lobisomem**



Supõe-se que a origem dessa famosa lenda tenha sido na Europa, no século XVI, e chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses. Há várias versões sobre o nascimento do Lobisomem.

Uma delas diz que um homem, quando mordido por um lobo em noite de lua cheia, transforma-se em lobisomem sempre que há plenilúnio. As pessoas que são mordidas pelo Lobisomem herdam a maldição. Da mesma forma, se uma pessoa se sujar com o sangue do Lobisomem, também contrai o fado.

Outra versão conta que se, após uma sucessão de nascimento de sete meninas, o oitavo filho nascer menino, este se torna o Lobisomem. Alguns dizem que o homem com a maldição procura uma encruzilhada em noite de lua cheia, transforma-se em Lobisomem, sai à noite à procura de vítimas e retorna ao amanhecer, na mesma encruzilhada, para voltar ao normal.

O bicho é vulnerável apenas a objetos de prata (como as famosas balas de prata).

- **Mula sem cabeça**



Difundida em todo o Brasil, a lenda da Mula sem cabeça nasceu na península Ibérica e foi trazida para a América pelos espanhóis e portugueses.

A lenda conta que toda mulher que tivesse um relacionamento amoroso com um padre seria castigada pelo seu pecado tornando-se a Mula



sem cabeça. Sua transformação ocorre na noite da quinta para sexta-feira de lua cheia.

Transfigurada nesse ser fantástico, a mulher corre velozmente pelos campos, passando por cima de todos em seu caminho. Para não ser pisoteada pela Mula sem cabeça, a pessoa deve se jogar ao solo de bruços e esconder suas "unhas e dentes".

Há muitas maneiras de reverter a maldição da mulher atingida: arrancar o cabresto e o freio de ferro da Mula sem cabeça, ou furá-la com um objeto pontiagudo (tirando um pouco de sangue) ou pedir para que o padre (amante) almadiçoe-a sete vezes antes de celebrar a missa.

- **Boto**



A lenda do boto é mais uma crença que o povo costumava lembrar ou contar como piada quando uma moça encontrava um novo namorado nas festas de junho.

É tradição junina do povo da Amazônia festejar o nascimento de Santo Antônio, São João e São Pedro.

Nessas noites faz-se fogueiras e atira-se foguetes enquanto desfruta-se de comidas típicas e de danças, como quadrilha, ao som alegre das sanfonas.

A lenda conta que nessas noites, enquanto as pessoas estão distraídas celebrando, o boto rosado aparece transformado em um bonito e elegante rapaz, sempre usando um chapéu, porque sua transformação não é completa, pois suas narinas se encontram no topo de sua cabeça, fazendo um buraco. Como um cavalheiro, ele conquista e encanta a primeira jovem bonita que ele encontra e a leva para o fundo do rio.

Durante essas festividades, quando um homem aparece usando um chapéu, as pessoas pedem para que ele o retire para que não pensem que ele é um boto.

## **São Paulo: cultura e folclore**

A maior parte das expressões da cultura tradicional paulista tem suas raízes, fundamentalmente, em três grandes vertentes: a portuguesa, a africana e a indígena. Vale lembrar que cada uma das três trouxe influências dos vários grupos sociais e tribos que as formaram. Mesmo a cultura portuguesa, aparentemente tão única, também é fruto da mistura de vários povos da península Ibérica. Aqui você encontra informações



sobre festas e celebrações religiosas, folguedos e danças, gêneros musicais, culinária e artesanato.

Grande parte dessas manifestações não é exclusiva do estado de São Paulo, pois ocorrem em outras regiões do país.

- **Festas e devoções**



O calendário das festas foi sendo organizado de acordo com a tradição católica, e as celebrações ocorrem em ciclos bem demarcados:

- Ciclo natalino e de Reis: dezembro/janeiro
- Ciclo carnavalesco: fevereiro/março
- Quaresma e Semana Santa: 40 dias após a Quarta-Feira de Cinzas

- Ciclo do Divino: 50 dias após a Páscoa
- Ciclo Junino: junho

Às vezes, a preparação de grandes festas, em algumas localidades, como as festas de Reis e do Divino começam bem antes da data de realização. Essas fases preparatórias consistem em rituais que complementam de forma especial a festa propriamente dita.

É interessante ver que sempre existe uma mistura entre a devoção religiosa e a festividade profana nessas celebrações. Ao mesmo tempo em que há rezas e procissões, também há muita festa, música e danças.

### **Festa dos Santos Reis (Folia de Reis)**

Tem como objetivo homenagear os Três Reis Magos (Gaspar, Belchior e Baltazar), cujo dia oficial é seis de janeiro. O forte desta comemoração é a presença das Folias de Reis, que são grupos devocionais – geralmente formados por homens – que representam a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus. Assim como nas Folias do Divino, esses grupos visitam casas, realizando cantorias e rituais de louvação, pedindo doações para a festa. Os visitantes vêm fantasiados, portando instrumentos musicais e uma bandeira, a qual é recebida logo na porta, pelo dono da casa. Este a conduz para dentro, passando-a sobre a cabeça dos membros da família e por todos os cômodos, a fim de



garantir a proteção divina. Alguns foliões visitantes vêm vestidos de palhaços (com máscaras, chapéus com formato de cone, roupas coloridas e folgadas) e fazem o papel dos “soldados do rei Herodes”. As visitas, ou “giros”, acontecem entre os dias 24 de dezembro e seis de janeiro.

A festa ocorre em muitas cidades paulistas, sendo que, por conta da presença expressiva de folias nas regiões norte e noroeste do estado, são realizados encontros de folias (às vezes, reunindo mais de 50 grupos). Essas festas são comuns em Altinópolis, Barretos, Ribeirão Preto, Votuporanga, entre outras. Seus organizadores procuram não coincidir as festas de seus municípios com as de outros; o que em muitos momentos torna-se inevitável. Por essa razão, realizam-se festas até o mês de maio, com interrupções pelo período quaresmal, estendendo-se até mesmo pelo segundo semestre.

### **Festa de Iemanjá**

Diferentemente da grande maioria das festas, cuja origem relaciona-se com o catolicismo, essa homenageia Iemanjá, orixá originado das religiões afro-brasileiras, que representa a força das águas do mar. Ela também é associada, dentro do sincretismo religioso, à Nossa Senhora da Conceição, cuja data é comemorada em 8 de dezembro. As homenagens são realizadas durante o mês de dezembro nas cidades litorâneas de todo o Brasil, principalmente nas passagens de ano, onde as pessoas – vestidas de branco – jogam flores e presentes no mar. Em São Paulo, os rituais são realizados em Santos, São Vicente, Guarujá, Bertioga e Praia Grande.

### **Festa de São Gonçalo**

São Gonçalo, também conhecido como **Gonçalo de Amarante**, nasceu e viveu em Portugal. A festa em sua homenagem, originalmente no dia 10 de janeiro (dia de sua morte), chegou ao Brasil em princípios do século XVIII. O diferencial da festa é a **dança de São Gonçalo**, uma espécie de pagamento de promessa ao santo, que pode durar horas. É realizada, geralmente, em locais pequenos (como no interior das casas ou nos quintais), na frente de um altar com a imagem do santo. Os dançarinos organizam-se em duas filas, encabeçadas por dois mestres violeiros – os folgazões. Aliás, o santo é padroeiro dos violeiros e “casamenteiros das velhas”. A festa acontece em muitas cidades de São Paulo: Arujá, Nazaré Paulista, Atibaia, Joanópolis, Lagoinha, Santa Isabel, Mogi das Cruzes, São José dos Campos, entre outras; não tendo uma data fixa para a sua realização.



## Festa de São Benedito

São Benedito é considerado o padroeiro da comunidade negra no Brasil. As homenagens a ele são realizadas em datas variadas, conforme a tradição de cada região. Ocorrem em Tietê, Itapira, Atibaia, Arujá, Guaratinguetá e Aparecida. Nessas duas últimas cidades, as festividades são bem movimentadas, e as mais tradicionais do Vale do Paraíba. Embora o dia de **São Benedito** seja comemorado pela Igreja católica em outubro, nessas duas cidades as festas em sua homenagem são realizadas na ocasião da Páscoa (em Guaratinguetá, a festa é no domingo de Páscoa e na segunda-feira; em **Aparecida** dura cerca de uma semana). Ambas as cidades se enchem de visitantes, música e cores. Há cavalarias, procissões, coroação de rei e rainha, execução de **moçambiques** e **congadas**, além de barracas com comes e bebes.

## Festas do Divino

Corresponde à Festa de Pentecostes, onde se comemora a presença do Espírito Santo entre os apóstolos, 50 dias após a Páscoa. A devoção ao Divino Espírito Santo constitui-se em um dos mais fortes núcleos de devoções populares em vários cantos do Brasil, inclusive em São Paulo, desde os tempos do Brasil Colônia. Originalmente, a festa consiste no estabelecimento de uma corte – o Império do Divino – com direito a escolha de um imperador. Serve-se o afogado, prato especial composto por carne de boi ensopada, arroz, feijão, farinha de mandioca e batata cozida. Os ingredientes vêm das doações recolhidas nas folias, que ocorrem bem antes da festa.

As folias do Divino são compostas por grupos de cantadores que visitam as casas de fiéis das regiões próximas, cantando louvores ao Espírito Santo e recolhendo doações para a realização da festa. No grupo, há sempre um “bandeireiro”, encarregado de conduzir a bandeira do Divino, ilustrada pela pomba que simboliza o Espírito Santo. Muitas cidades paulistas realizam essa festa, que dura dias, como: São Luiz do Paraitinga, Lagoinha, Nazaré Paulista, Cunha, Mogi das Cruzes, Salesópolis, Piracicaba, Tietê, Anhembi e Laranjal Paulista.

## Festa de Santa Cruz

No Brasil, a devoção e a festa de Santa Cruz (maior símbolo do cristianismo) foi trazida pelos jesuítas e logo adaptada à cultura indígena, com a inserção da dança “sarabaquê”, visando à catequização dos índios. Para os guarani era “santa curuzu” e para os tupi “santa curuçá”. Há sempre a presença de grandes cruzes (localizadas em locais centrais, como praças e em frente às igrejas), danças e cantorias ao som de





violas. A festa é dividida em três partes: saudação, roda e despedida, e é considerada uma das grandes contribuições dos jesuítas e dos índios para a formação cultural do estado de São Paulo. É comemorada no início de maio (perto do dia 3), em cidades como Embu, Itaquaquecetuba, Brotas e Carapicuíba (a mais famosa).

### **Festa de *Corpus Christi***

*Corpus Christi* vem do latim e quer dizer “Corpo de Cristo”. A celebração foi criada pela Igreja católica, no século XIII, para lembrar a presença e o sangue de Cristo, um dos sacramentos da **Eucaristia**. Não tem uma data fixa e é uma das festividades que giram em torno da Páscoa. É celebrada na quinta-feira seguinte ao domingo da Santíssima Trindade que, por sua vez, é realizada no domingo seguinte ao de Pentecostes, comemorado 50 dias após o domingo de Páscoa.

A maior característica dessa celebração é a confecção de tapetes coloridos e com desenhos que lembram a data – confeccionados com pétalas de flores, serragem tingida, vidro moído, casca de ovo, pó de café, entre outros materiais – que cobrem as ruas por onde passam as procissões. Os tapetes são feitos pela própria comunidade e são um belo exemplo de trabalho colaborativo. A celebração ocorre em Matão, São Manuel, Caçapava, Santana do Parnaíba, Taubaté, São Luiz do Paraitinga, Taquaritinga e Capivari.

### **Festas Juninas**

Não há quem não conheça ou nunca tenha participado de uma festa junina. Extremamente populares em todo o Brasil, elas são homenagens a **Santo Antônio** (13/6), **São João Batista** (24/6) e **São Pedro** (29/6). Embora a parte festiva seja a mais célebre e executada em todos os lugares (inclusive nas grandes cidades e sobretudo em escolas e associações) – com elementos tradicionais, tais como fogueira, casamento “caipira”, quadrilhas formadas por dançarinos vestidos a caráter, comidas típicas e fogueira – a parte religiosa é mais preservada em localidades rurais de cidades do interior paulista.

### **Festa de Bom Jesus**

Também é realizada em várias cidades paulistas, como Iguape, Tremembé e Pirapora do Bom Jesus. Nesta realiza-se a mais célebre festa do estado de São Paulo e é comemorada entre os dias 3 e 6 de agosto. Surgiu em homenagem ao aparecimento de uma imagem do Senhor Bom Jesus na região, reunindo devotos e romeiros de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso. Além da devoção religiosa, o encontro de tantas



pessoas também propiciou reuniões festivas regadas a competições de grupos de samba tradicional paulista (também chamado de samba de bumbo, samba de pirapora ou samba caipira).

### **Procissões das Águas**

Além dos encontros dos Irmãos do Divino nas águas do Médio Tietê (região em que o rio volta de novo à vida), observamos outras devoções semelhantes, estruturadas em grandes cortejos fluviais, lacustres e marítimos de embarcações variadas (barcos, bateras, ubás, botes, chatas, lanchas, balsas, boias). Busca-se com eles homenagear Bom Jesus, Nossa Senhora (dos Navegantes, do Livramento, do Rocio, do Patrocínio, Aparecida) e São Pedro. Ocorre em cidades litorâneas como Cananeia, Iguape, Ilhabela, Ubatuba, Guarujá, São Vicente, Botucatu, Diadema, Pindamonhagaba, entre outras.

### **Festa da Carpição**

Ocorre geralmente por volta do dia 15 de agosto. Como o próprio nome diz, a celebração tem início com a limpeza do mato da área do entorno da igreja local. Em seguida, é recolhido um punhado de terra que, se colocado junto a alguma parte enferma do corpo (seja de pessoa ou animal), tem efeito curativo. Além desse ritual, há festas e quermesses. É associada à Nossa Senhora da Carpição e à Nossa Senhora do Bom Sucesso (título que relembra o auxílio de Maria, mãe de Jesus, aos que desejam sucesso em seus tratamentos de saúde e nos seus empreendimentos).

Em São Paulo, ocorre em São José dos Campos (no bairro de Remédios e no bairro de Bom Sucesso) e em Guarulhos (no bairro de Bom Sucesso).

### **Festa de São Cosme e São Damião**

O dia dos santos gêmeos **Cosme e Damião** – 26 de setembro para os católicos e 27 de setembro para outras religiões – é comemorado em diversas cidades paulistas. Considerados protetores das crianças, os santos são homenageados na tradição do catolicismo e da umbanda (que aqui são “ibeji”, divindades gêmeas sincretizadas em Cosme e Damião). Na data, são distribuídos doces e brinquedos para as crianças.

### **Festa de Nossa Senhora de Aparecida**

Ocorre por ocasião do Dia de Nossa Senhora Aparecida (12 de outubro), muitas festas em homenagem a ela ocorrem no estado de São Paulo, sendo que a mais famosa é a



da cidade de Aparecida, no Vale do Paraíba. Milhares de pessoas vão até Aparecida para participar das procissões e para assistir aos espetáculos que acontecem nesse período. Reúnem-se grupos de **moçambiques** e dança-se a **congada**, entre outras manifestações folclóricas.

### **Recomenda das Almas**

Também conhecida como Arrecomenda das Almas ou Encomenda das Almas, é uma devoção herdada de Portugal. Através de uma procissão realizada, geralmente, nas sextas-feiras da Quaresma, os penitentes rezam pela salvação das almas que estão no purgatório. Os participantes, ou "recomendadores", caminham pelas ruas, por volta da meia-noite, com a cabeça ou mesmo o corpo cobertos por panos ou lençóis brancos e segurando velas acesas. Alguns membros do grupo carregam um estandarte, uma cruz e matracas para alertar os moradores das casas. Rezam um Pai-Nosso e uma Ave-Maria. Percorrem várias casas, fazendo questão que o número de casas seja ímpar. O fogo dentro das casas deve estar sempre apagado. Em muitas janelas estão colocados café e comidas para os "recomendadores".

### **Romarias**

São celebrações religiosas que têm como foco um tema católico. São realizadas sempre em grupo, podendo ser realizadas a pé, a cavalo, em veículos motorizados ou não. São organizadas em ciclos, de acordo com o dia de homenagem a algum santo ou simplesmente para pagar uma promessa. Alguns polos de atração para as romarias são Aparecida, Iguape, Bom Jesus dos Perdões e Pirapora do Bom Jesus.

A Basílica Nacional está na cidade de Aparecida, na região do Vale do Paraíba. Essa localidade é o destino de muitos grupos de romeiros, sobretudo na época próxima ao Dia de Nossa Senhora Aparecida, em 12 de outubro.

- **Danças e folguedos**



A herança da cultura africana é um traço muito forte nas danças típicas realizadas em terras paulistas. Muitas danças são acompanhadas por músicas e cantorias ritmadas por batuques, termo que se refere a qualquer ritmo percussivo.



Além das danças propriamente ditas, existem os folguedos, que são encenações com personagens, acompanhados por danças coreografadas e música; geralmente executadas em festas de homenagens a santos ou comemorações religiosas.

### **Jongo**

Folguedo que, embora não tenha data fixa para ser realizado, geralmente é apresentado, nas festas juninas, para homenagear São Benedito e para comemorar a data da Abolição da Escravatura (13 de maio). O tipo de coreografia mais comum é o de roda, com a apresentação de um casal ao centro (às vezes perto de uma fogueira). Em algumas modalidades, é lançado um enigma que precisa ser desvendado pelos participantes. Os instrumentos utilizados durante o folguedo são: tambores, chocalhos (chamados guaiá ou angoia). As cantorias são chamadas de "pontos". O jongo é executado em Guaratinguetá, São Luiz do Paraitinga, Pindamonhangaba, Cunha e Piquete.

### **Cavalhadas**

Folguedo que ocorre durante as festas do Divino e em outras festas (até em feiras de gado e agrícolas). Trazida pelos europeus durante o período colonial, representa a luta entre os cristãos e os mouros na península Ibérica. Em sua forma dramatizada, encenada em algumas cidades, formam-se dois grupos com 12 cavaleiros cada. Os cristãos vestem-se de azul e os mouros de vermelho; todos armados com espadas, garruchas e lanças e montados em seus cavalos. Nessas encenações, os mouros sempre perdem a luta e são "convertidos". A partir daí, são realizadas competições equestres. Em cidades como Franca e São Luiz do Paraitinga, a encenação ainda é preservada. Só não se pode confundir a cavallhada com a cavalaria de São Benedito, um tipo de cortejo feito a cavalo em honra ao santo, cujo evento mais conhecido é o de Guaratinguetá.

### **Congada**

Também chamado de congado ou congo, é um folguedo realizado principalmente em comunidades afro-brasileiras, e homenageia São Benedito, **Nossa Senhora do Rosário** e **Santa Ifigênia**. Algumas vezes apresenta-se em forma de danças e, em outras, em forma de dramatizações de lutas entre grupos (fazendo referência à África ou à luta entre cristãos e mouros) ao som de cantorias e instrumentos, como viola caipira, violão, cavaquinho e acordeão, entre outros instrumentos de percussão. Alguns



associam a origem da congada às festas de coroação do Rei Congo, manifestação trazida pelos portugueses no século XV. Outros acreditam que tenha surgido nas festas dedicadas à Nossa Senhora do Rosário.

Um dos grupos de congada mais famosos, em São Paulo, é o Terno de Congada Chapéu de Fita, do município de Olímpia (célebre também pelas iniciativas de preservação do folclore paulista). Os membros do grupo trajam chapéus feitos com compridas fitas coloridas que cobrem quase o corpo todo.

### **Moçambique**

Dança-cortejo afro-brasileira que utiliza bastões e é realizada em cidades do Vale do Paraíba. Consiste em duas fileiras compostas por homens vestidos de branco e usando chapéus que contêm fitas ou medalhas de santos. Trazem ainda, no peito, fitas azuis (de Nossa Senhora) ou vermelhas (de São Benedito) cruzadas e guizos amarrados às pernas. A dança é executada ao som de instrumentos como caixa (tambor pequeno), viola, sanfona, violão, cavaquinho. Os bastões, além de fazerem parte do aparato, também servem para dar o ritmo. Junto aos músicos, ficam o "rei" e a "rainha" do moçambique, que conduzem a bandeira do grupo, sempre com as figuras de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário.

### **Caiapó**

Folguedo formado por grupos (na maior parte compostos por homens) fantasiados de índios, e que se apresentam na forma de uma dança-cortejo, encenando o embate entre os bandeirantes e os índios. Apesar da referência indígena, não tem a ver com os Caiapó, grupo indígena do norte do Brasil. No estado de São Paulo é representado em poucas cidades, como São José do Rio Pardo, Piracaia e Ilhabela, no período carnavalesco.

### **Samba de Bumbo/Samba-Lenço**

São duas variantes do samba tradicional em São Paulo, considerados como os ancestrais do samba cosmopolita. Também são lembrados pelos nomes samba de pirapora ou samba caipira. Guardam traços que os aproximam do jongo e do batuque, seus parentes próximos e por muitos considerados como seus antecessores. O de Bumbo, tem como foco de aglutinação a Festa do Bom Jesus, em Pirapora. O Lenço, tem como foco a devoção familiar do grupo a São Benedito. Letras e melodias singelas e funcionais, algumas tradicionais, outras estruturadas de acordo com as circunstâncias



são executadas durante esses folguedos. É executado, também, em Santana de Parnaíba, Campinas, Rio Claro, Sorocaba, Itu, Atibaia e Franco da Rocha.

### **Catira/Cateretê**

Catira e cateretê são denominações das danças de sapateado derivadas do antigo fandango português. Ponteiam todo o estado, incluindo-se a grande São Paulo.

O Cateretê é uma das danças mais genuinamente brasileira. É de origem indígena, mas foi adaptada pelos jesuítas para ajudar no processo de catequese. Trata-se de uma espécie de sapateado brasileiro executado com "bate-pé" ao som de palmas e violas. Tanto é exercitado somente por homens, como também por um conjunto de mulheres. Ocorre em festas familiares ou tradicionais, como a Festa do Divino, de Santa Cruz, e , em diversas cidades paulistas como, por exemplo, Ibiúna.

### **Fandango**

Refere-se a alguns tipos de danças de grupos, cujo ponto de semelhança com o cateretê ou catira é o bater dos pés, geralmente executado por homens. Geralmente é executado em duas alas, que ficam frente a frente, acompanhadas de violas, sanfonas e pandeiros. No litoral sul de São Paulo, também costuma denominar bailes comuns e, arrasta-pés. No litoral norte é chamado de chiba.

Existem vários grupos de fandango formados ao longo da rota do tropeirismo. Ocorre em Capela do Alto, Sorocaba e Tatuí. O festival de Folclore em Olímpia também é palco de diversas apresentações.

### **Maculelê**

Mistura de dança, luta e jogo de bastões, fruto da mistura da cultura africana e indígena. Acredita-se que tenha evoluído do cucumbi, antigo folguedo de negros.

### **Dança de Fitas**

Um grupo de homens e mulheres ou um grupo de meninas (composição mais comum) realiza a coreografia em torno de um mastro, de cuja ponta pendem cerca de doze fitas coloridas (geralmente vermelhas e azuis). Cada integrante do grupo segura uma fita e realiza uma dança parecida com uma quadrilha (ao som de marchas ou polcas), girando ao redor do mastro, em zigue-zague, de forma a cruzar as fitas e formar um



trançado. É executada em Cunha, Natividade da Serra, São Luiz do Paraitinga, Ubatuba, Taubaté, Cotia e Iguape.

### **Dança de São Gonçalo**

É realizada em devoção a São Gonçalo, fazendo sempre parte da  **festa em sua homenagem** , e como forma de pagamento de uma promessa. Ao som de duas violas, os dançarinos ficam enfileirados em pares e dirigem-se ao altar do santo. Ao chegarem na frente e fazerem a louvação, os pares logo vão indo para o final da fila até que todos tenham feito isso.

Há em São Paulo duas formas distintas de dança devocional: o São Gonçalo do litoral e o do interior. O do litoral acontece sempre ao som de violas, rabecas e cordas em geral e caixa, todo valsado e solene, sempre executado por pares. No interior é mais compacto, não durando mais de 15 minutos, acontecendo sempre em cumprimento de promessa, no início dos bailes de sítio e fandango e é dançado em Cruzeiro, em Itu e em Porto Feliz.

### **Ciranda**

Originou-se da ciranda portuguesa e é difundida em todo o Brasil, com algumas modificações em relação à dança original. Pode ser executada de forma autônoma ou integrando o conjunto de bailados do chiba/fandango. Os dançarinos se dispõem em círculos duplos, aos pares (damas e cavalheiros) e de mãos dadas, que vão girando e invertendo a ordem e os pares conforme a evolução e a música.

Algumas formas de ciranda também são chamadas de cana-verde, dança do caranguejo e chimarrete. No estado de São Paulo é muito executada no litoral sul, em cidades como Bertioga, Guarujá, Cananeia e Ubatuba, e no interior.

### **Dança de Pares**

São variadas as danças de pares, podem ser enlaçadas ou simplesmente de mãos dadas, ocorre em todo o interior sul e Vale do Ribeira. Muitas delas guardam ainda nítidos traços de sua origem nobre. Provenientes da corte europeia, embalaram os salões da corte brasileira e continuam a animar os nossos bailes e festas populares. É assim com os tchotes (carreirinha, marcado, simples, inglês), com a mazurca (simples e de quatro), com as vaneirinhas, o caranguejo, a palminha e tantas outras. Há ocorrência dela no município paulista de Silveiras.



## Dança de Santa Cruz

A devoção à Santa Cruz (Cruzeiro), originalmente introduzida pelos jesuítas aos índios, fixou-se de forma significativa na Grande São Paulo, no Vale do Paraíba e em Comunidades da Mantiqueira. São muito numerosas as capelinhas de beira de estrada e sítios que lhe são votadas e onde acontecem as rezas e festas significativas. A devoção se expressa com a dança de Santa Cruz – na realidade, uma sequência de danças com que se saúda o cruzeiro principal e as cruzes enfeitadas de flores colocadas à frente das casas.

- **Culinária típica – as origens da alimentação paulista**



A base da culinária típica do estado de São Paulo carrega as características do início do povoamento das terras paulistas, e foi fruto do encontro entre as culturas indígena, europeia e africana (através dos primeiros colonizadores portugueses). Ao longo dos séculos, influências de outros povos foram agregando novas cores e sabores ao jeito de se alimentar de São Paulo.

Nos séculos XVI e XVII – ao contrário das capitâneas do litoral nordestino, enriquecidas com a produção do então valorizado açúcar – a capitania de São Paulo (antes chamada de São Vicente) era muito pobre. Os colonizadores portugueses que se embrenhavam e fixavam residência nas terras paulistas, acabavam incorporando os hábitos alimentares e agrícolas dos índios, por óbvios motivos de sobrevivência. Os principais produtos paulistas, nessa época, eram as farinhas (de mandioca, de trigo ou de milho). A farinha de mandioca, por exemplo, era o alimento preferido dos bandeirantes, pois durava bastante tempo e era fácil de acondicionar; o que era ótimo para as longas expedições. Além disso, os bandeirantes costumavam plantar feijão, abóbora e milho durante o percurso para comê-los no retorno de suas viagens ou mesmo para o benefício de outros aventureiros.

O milho era – e ainda é – muito importante na cultura alimentar paulista. Farinhas, canjicas, curaus e pamonhas, uma infinidade de subprodutos do milho fazia parte da alimentação básica.





Outros itens muito frequentes nos hábitos dos primeiros paulistas são o pinhão, a jabuticaba, o araçá, o cambuci, a pitanga, a carne de caça e peixes.

O tradicional virado paulista (mistura de farinha de milho com feijão) também surgiu na época dos primeiros colonizadores, fazendo parte do “*kit de sobrevivência*” nas viagens. Além do virado, integravam o *kit* o toucinho e a carne-seca, alimentos com tempo de conservação maior. A título de curiosidade, podemos citar o hábito de consumir a içá (formiga tanajura ou saúva vermelha) seca e torrada com farinha de mandioca (inclusive, com alto valor nutritivo), típico da alimentação indígena e que se consome até hoje no Vale do Paraíba. Monteiro Lobato chegou a citar a içá como o “caviar da gente taubateana”. Os europeus, por sua vez, trouxeram para o planalto paulista a cultura do trigo, da uva, do figo, do marmelo e da cevada.

A partir do século XVIII, com a descoberta de ouro em algumas regiões mais centrais do Brasil (principalmente em Minas Gerais) e com a introdução da cultura canavieira em São Paulo, a figura do tropeiro tornou-se importante para o desenvolvimento das vilas e cidades. O tropeiros eram o condutores das comitivas de animais de cargas (tropas) entre as regiões de produção e de consumo espalhadas pelo país. Compravam e revendiam animais, transportavam a produção colonial até os portos e traziam gêneros importados para as cidades. Por realizarem toda essa circulação, acabavam se tornando verdadeiros veículos de notícias em um tempo em que até as estradas eram raras e difíceis. Os hábitos alimentares dos tropeiros são uma forte herança legada aos paulistas, como o típico trio feijão com arroz e farinha. Aliás, a farinha de milho socada no pilão era a primeira refeição do dia.

O café era bastante consumido (muitas vezes sem coar), assim como a rapadura e o açúcar mascavo. Uma bebida bastante popular entre os tropeiros (e que agora caiu em desuso) era a jacuba, cujos ingredientes eram água, farinha de milho ou mandioca e rapadura ou mel. Às vezes acrescentava-se leite, cachaça ou sumo de limão.

Esse tipo de alimentação, tipicamente paulista (dos índios, bandeirantes e tropeiros), reinou até o século XIX, quando São Paulo começou a despontar como potência econômica por conta da produção cafeeira. Os membros da elite cafeeira, ao voltarem de suas viagens ao exterior, começaram a trazer novos hábitos alimentares, como molhos da cozinha francesa e outros ingredientes.

A urgência de mão de obra nas lavouras de café e outras culturas agrícolas abriu as portas para os imigrantes italianos, espanhóis, poloneses, japoneses, alemães, libaneses entre outros povos e etnias; cujo ápice do processo migratório foi do início do século XX até quase o final dos anos de 1950. Com eles vieram pratos e iguarias que,



com o tempo, foram totalmente incorporados ao cardápio médio paulista. Dos italianos vieram as massas e as *pizzas* (cuja “adaptação” paulista tornou-se bastante peculiar e diferente da original); dos sírios e libaneses vieram as *esfirras*, os *quibes*, entre outros; dos japoneses vieram o gosto pelo chá, pelo *sushi*, *sashimi* e pelo uso de ingredientes como o *tofu* e o *shoyu* nos pratos; enfim, cada povo trouxe elementos que fizeram de São Paulo – sobretudo a sua capital – o importante polo gastronômico que é hoje, com sabores do mundo inteiro.

É claro que muitos pratos e receitas tradicionais, dos tempos das fazendas coloniais, ainda fazem parte da mesa do paulista – com muito sucesso – como os doces: canjica, furrundum (mistura de cidra ralada, gengibre e rapadura), paçoca de amendoim, marmelada, bananada, doces de tubérculos (batata-doce, batata-roxa e abóbora), goiabada, ambrosia (feito com gemas de ovos cozidos em leite e açúcar), costumeiramente feitos em tachos e panelões.

É possível identificar culinárias diferentes dentro do estado. No litoral, a culinária caiçara abuse de elementos da cultura portuguesa (bolinhos, caldeiradas, ensopados). No interior encontra-se a tradição “caipira” baseada na culinária dos tropeiros, com pratos como a mandioca frita, arroz carreteiro e feijão gordo.

- **Música**

### **Música de Viola**



É bastante fácil encontrar violeiros por todo estado São Paulo. Violas e rabecas, sempre associadas, existem em grande número em todo o litoral sul e no Vale do Ribeira, com uma peculiaridade: são fabricadas na própria região.

Companheira fiel das horas de folga dos caiçaras, para quem a viola, portadora de seus sentimentos, fala e chora, costuma receber na região o nome de viola branca, pela cor da madeira de que é feita, a cacheta é a própria viola caipira. Quando querem dizer que o baile será mais de acordo com os usos da terra, dizem que haverá fandango, ou para explicitar mais ainda dizem que haverá baile de viola.

São confeccionadas em quatro tamanhos: viola inteira (a maior, mais difícil de ser encontrada), viola de três quartos (3/4 da viola inteira, fáceis de serem encontradas), a



meia viola (fácil de ser encontrada e a mais procurada) e o machete ou machetão (viola pequena, também chamada de violinha, mai rara).

### **Marimba**

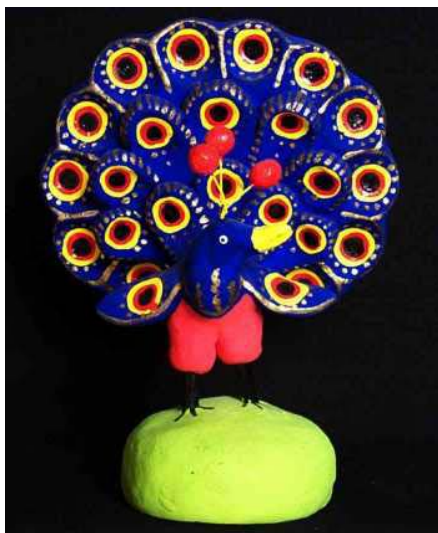
Muito comuns nas culturas banto da África, as marimbas transmigraram na bagagem do africano escravizado, tendo sido populares no Brasil. Correspondentes nos círculos eruditos aos xilofones, são instrumentos percussivos melódicos constituídos de uma série de lâminas de determinados tipos de madeira, em números variáveis, afixados em pequenas traves ou arcos, tendo por ressoadores pequenos coités (cabaças), cortados pela metade e afixados por baixo de cada lâmina. Serviam, então, ao lado de outros instrumentos também chegados nas bagagens dos africanos escravizados, de base rítmica, com variações, para folguedos e danças.

Ao que tudo indica, as marimbas desapareceram de todo o território brasileiro, tendo sobrevivido somente no litoral norte de São Paulo. Também ali inspira hoje cuidados, pois sua utilização se circunscreve às congadas, são muito poucos seus executantes e ainda menos os que conseguem confeccioná-las. Tanto em sua configuração técnica quanto em sua execução, as marimbas caiçaras continuam bem próximas de seus ancestrais africanos.

### **Cururu**

Cururu é o repente, o desafio trovado ao som de violas do Médio Tietê. São numerosos, afamados e respeitados os cururueiros (os trovadores) da região. Alguns deles tendo feito várias viagens para o exterior. Não há Festa, ou Pouso de Bandeira do Divino sem o cururu que pode varar a noite num revezamento de vários trovadores. E não há cidadão que arrede pé diante de uma porfia de canturiões (cantadores).

- **Artesanato**



O artesanato é diferente de trabalho manual. O artesanato é o artefato que apresenta mais de 80% de trabalho das mãos do artesão, com ou sem auxílio de instrumentos rudimentares, na transformação de matéria-prima bruta, normalmente comum em sua região de origem, em produto acabado e com reflexos claros da cultura local.



Por sua vez, o trabalho manual é aquele que tem, no mínimo, 60% de trabalho manual aplicado à peça e reproduzido a partir de fórmulas e receitas de domínio público com materiais geralmente industrializados, sem traços culturais peculiares e que, justamente por isso são mais fáceis de serem encontrados, tais como crochê, tricô, bordado, etc.

Outro conceito é o da arte popular, que é a manifestação pessoal de artistas do povo, sem instrução acadêmica, que exprimem sua realidade e sua imaginação em peças decorativas únicas.

Então, quando queremos falar sobre o artesanato ou a arte popular típicos de São Paulo, devemos pensar nas expressões mais tradicionais e genuínas do estado. Muitas delas são fruto da mistura entre a cultura do europeu e a do índio. Aí vão alguns exemplos:

### **Cerâmica dos Figureiros de Taubaté**

A maior representação artesanal da cidade de Taubaté, são os objetos de cerâmica feitos pelos figureiros. A expressão teve origem no século XVII, estimulada pelos frades franciscanos do Convento de Santa Clara, com o trabalho de modelagem em barro cru de pequenas figuras para presépios (desde a Sagrada Família até os animais do estábulo). Com o tempo, os temas começaram a se diversificar e as peças – sempre pequenas – extrapolaram o universo religioso, retratando o cotidiano da cidade, os animais e o imaginário popular.

Aliás, as figuras de aves de Taubaté são bem célebres, como a galinha-d'angola e o pavão azul, e chegam a ser consideradas símbolos do artesanato paulista.

### **Crochê de Barbante**

A técnica do crochê, no Brasil, foi trazida pelos portugueses e é muito popular. Porém, na cidade de Bananal o crochê ganhou uma característica especial: o uso do barbante como matéria-prima. A técnica criada em Bananal é referência em todo o Vale do Paraíba.



### **Trançado de Taboa**

A cidade de Potim, no Vale do Paraíba, é famosa pelos utilitários e peças feitas com a fibra da taboa, uma planta típica de regiões úmidas, como os brejos. Herança da influência indígena, essa arte tem produzido uma infinidade de objetos: bolsas, cestas, fruteiras, porta-revistas, esteiras, etc.

### **Cestaria do Vale do Ribeira e Litoral**

Nessa região é muito fácil encontrar fibras e cipós remanescentes da mata Atlântica, especialmente o timbopeva, o imbé e a taquara. Com esse material são feitos cestos, balaios, entre outros objetos.

### **Artesanato de Cobre do Vale do Paraíba**

O Vale do Paraíba era passagem obrigatória para os tropeiros, no século XVIII, por estar localizado entre Minas Gerais e Rio de Janeiro. Ao longo dos caminhos formavam-se diversas vilas, que serviam como locais de pousadas para os viajantes. Por essa razão, nessas vilas concentravam-se muitos prestadores de serviço, entre eles os artesãos de cobre. Surgiu aí uma tradição de artesanato de objetos em cobre, tais como tachos, panelas, alambiques e outros utilitários. Devido à complexidade da técnica de manufatura e da concorrência dos objetos industrializados, a atividade tem ficado cada vez mais rara.

### **Panô em Ponto Ajur**

Muito popular em São Carlos, a técnica é o encontro de várias técnicas de costura. Visa reunir retalhos de juta com retalhos de tecido, costurados pelo ponto de bordado ajur. Surgida entre os imigrantes italianos, a técnica visava aproveitar os sacos de juta, que serviam para ensacar o café, produto principal de São Carlos (assim como em outras várias cidades paulistas) entre o final do século XIX e começo do século XX. Antes disso, os escravos já faziam uso dos sacos de juta para confeccionar suas roupas, arrematando-as com sisal.

**Adaptado de: Biblioteca Virtual do Governo de São Paulo**



## Publicações relacionadas ao tema presentes no acervo das bibliotecas do Vera Cruz

### Folclore



ROCHA, José Maria Tenório. **Alagoas**. Rio de Janeiro: Funarte, 1977. 87 p., il. (Folclore brasileiro).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do folclore brasileiro**. 5. ed. São Paulo: Global, 2001. 326 p.

AZEVEDO, Ricardo. **Armazém do folclore**.

Ilustrado por Ricardo Azevedo. São Paulo: Ática, 2000. 128 p., il.

VIANNA, Hildegardes. **Bahia**. Rio de Janeiro: Funarte, 1981. 86 p., il. (Folclore brasileiro).

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Brasil**: histórias, costumes e lendas. São Paulo: Editora Três, 2000. 328 p., il.

GOMES, Fábio. **O Brasil é um luxo**: trinta carnavais de Joãozinho Trinta. Projeto gráfico de Stella Villares. São Paulo: Axis, 2008. 256 p., il.

SANTA ROSA, Nereide Schilaro. **Brinquedos e brincadeiras**. São Paulo: Moderna, 2001. 32 p., il.. (Arte e raízes).

DUARTE, Sebastião Moreira. **Brinquedos encantados**. Fotografia de Albani Ramos. São Luís: Instituto Geia, 2003. 248 p., il.

MEYER, Marlyse. **Caminhos do imaginário no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001. 232 p., il..

SERAINÉ, Florival. **Ceará**. Rio de Janeiro: Funarte, 1978. 76 p., il. (Folclore brasileiro).

ALBISSÚ, Nelson. **Coisas do folclore**. Ilustrado por Andréa Vilela e, Mirella Spinelli. São Paulo: Cortez, 2004. 40 p., il.



XAVIER, Marcelo. **Crendices e superstições**. Ilustrado por Marcelo Xavier. Belo Horizonte: Formato, 2001. 24 p., il. (O folclore do mestre André).

TINHORÃO, José Ramos. **Cultura popular**: temas e questões. São Paulo: Editora 34, 2001. 188 p.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Cultura popular na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Contexto, 1996. 80 p., il. (Repensando a história).

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Traduzido por Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2008. 420 p. (Linguagem e cultura, 12).

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 385 p., il.

AZEVEDO, Maria Alice Penna de. **Domingo é dia de folclore**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1992. 112 p., il. (Vamos Conhecer o que é Nosso).

NEVES, Guilherme dos Santos. **Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Funarte, 1978. 84 p., il. (Folclore brasileiro).

RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. **Folclore**. Rio de Janeiro: Bloch, 1980. 64 p., il. (Biblioteca Educação é Cultura, 4).

PEREIRA, Niomar de Souza. **Folclore**: teorias, conceito, campo de ação. São Paulo: Editora Nacional, 1986. 95 p.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Brasil**. São Paulo: Fundo de Cultura, 1967. 252 p. (Estante de Sociologia).

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 494 p. (Raízes).

REIS, José Ribamar Sousa dos. **Folclore maranhense, informes**. 4. ed. São Luís: [s.n.], 2004. 296 p., il.

PIEIDADE, Amir. **Folcloriando**. Ilustrado por Andréa Vilela e Mirella Spinelli. São Paulo: Elementar, 2004. 24 p., il.



CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Itatiaia, 1983. 345 p. (Reconquista do Brasil, 78).

MEIRELLES, Renata. **Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2007. 206 p., il.

LACERDA, Regina. **Goiás**. Rio de Janeiro: Funarte, 1977. 83 p., il. (Folclore brasileiro).

HORTA, Carlos Felipe de Melo Marques (Org.). **O grande livro do folclore**. Ilustrado por Maurizio Manzo. Belo Horizonte: Leitura, 2000. 214 p., il.

DUMAZÉDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973. 337 p.

SANTA ROSA, Nereide Schilaro. **Lendas e personagens**. São Paulo: Moderna, 2001. 32 p., il. (Arte e raízes).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984. 440 p. (Reconquista do Brasil).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Locuções tradicionais no Brasil**: coisas que o povo diz. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. 316 p. (Reconquista do Brasil).

VIEIRA FILHO, Domingos. **Maranhão**. Rio de Janeiro: Funarte, 1977. 73 p., il. (Folclore brasileiro).

AZEVEDO, Ricardo. **Meu livro de folclore**. Ilustrado por Ricardo Azevedo. 7. ed. São Paulo: Ática, 2006. 72 p., il.

MARTINS, Saul. **Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Funarte, 1982. 91 p., il. (Folclore brasileiro).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Mouros, franceses e judeus**: três presenças no Brasil. 3. ed. São Paulo: Global, 2001. 112 p.

LODY, Raul. **Pano da costa**. Rio de Janeiro: Funarte, 1977. 16 p., il. (Cadernos de folclore, 15).





VALENTE, Waldemar. **Pernambuco**. Rio de Janeiro: Funarte, 1979. 99 p., il. (Folclore brasileiro).

OLIVEIRA, Noé Mendes de. **Piauí**. Rio de Janeiro: Funarte, 1977. 79 p., il. (Folclore brasileiro).

ROCHE, Daniel. **O povo de Paris**: ensaio sobre a cultura popular no século XVIII. Traduzido por Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2004. 358 p.

MELLÃO, Renata; IMBROISI, Renato (Coord.). **Que chita bacana**. São Paulo: A Casa – Museu do Objeto Brasileiro, 2005. 240 p., il.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 84 p. (Primeiros passos).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1994. 110 p. (Primeiros passos).

SANTA ROSA, Nereide Schilaro. **Religiões e crenças**. São Paulo: Moderna, 2001. 32 p., il. (Arte e raízes).

FRADE, Cáscia. **Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Funarte, 1979. 110 p., il. (Folclore brasileiro).

MELO, Veríssimo de. **Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Funarte, 1977. 91 p., il. (Folclore brasileiro).

SOARES, Doralésio. **Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Funarte, 1979. 81 p., il. (Folclore brasileiro).

SETÚBAL, Maria Alice (Coord.). **Terra paulista**: história, arte, costumes. São Paulo: CENPEC, 2008. 233 p, il.

SANTA ROSA, Nereide Schilaro. **Usos e costumes**. São Paulo: Moderna, 2001. 32 p., il. (Arte e raízes).

PIAI, Arlete; PACCINI, Maria Júlia. **Viajando pelo folclore de norte a sul**. Ilustrado por Roberto Melo. São Paulo: Cortez, 2004. 96 p., il.



## Festas e danças



NEVES, Guilherme dos Santos. **Bandas de Congos**. Rio de Janeiro: Funarte, 1980. 32 p., il. (Cadernos de folclore, 30).

SOARES, Doralésio. **Boi de mamão catarinense**. Rio de Janeiro: Funarte, 1978. 39 p., il. (Cadernos de folclore, 27).

DUMONT, Sávia. **O Brasil em festa**. Ilustrado por Demóstenes. São Paulo: Companhia das

Letrinhas, 2000. 79 p., il.

DUARTE, Sebastião Moreira. **Brinquedos encantados**. Fotografia de Albani Ramos. São Luís: Instituto Geia, 2003. 248 p., il.

BUENO, André Paula. **Bumba-boi maranhense em São Paulo**. São Paulo: Nankin Editorial, 2001. 280 p., il.

BRANDÃO, Toni. **Bumba meu boi**. Ilustrado por Denise Rochael. São Paulo: Studio Nobel, 2005. 20 p., il. (Festas brasileiras).

AZEVEDO NETO, Américo. **Bumba meu boi no Maranhão**. 2. ed. São Luís: Alumar, 1997. 140 p., il.. (Documentos maranhenses).

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira; BENJAMIN, Roberto. **Cambindas da Paraíba**. Rio de Janeiro: Funarte, 1978. 45 p., il. (Cadernos de folclore, 26).

CANTIGAS e danças da cultura popular tradicional brasileira. São Paulo: CEVEC, 2004. 1 fita de vídeo (32 min.), VHS/NTSC, son., color.

BRANDÃO, Toni. **Carnaval**. Ilustrado por Denise Rochael. São Paulo: Studio Nobel, 2004. 20 p., il. (Festas brasileiras).

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1999. 240 p.



- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Carnaval, carnavais**. São Paulo: Ática, 1986. 96 p. (Princípios).
- BRANDÃO, Théo. **Cavalcadas de Alagoas**. Rio de Janeiro: Funarte, 1978. 43 p., il.. (Cadernos de folclore, 24).
- PEREIRA, Niomar de Souza. **Cavalcadas no Brasil**. São Paulo: [s. l.], 1984. 213 p.
- CENPEC. **As celebrações populares**: festa, dança e música. São Paulo: CENPEC, 2005. 59 p., il. (Terra Paulista – Jovens, 10).
- DANTAS, Beatriz G. **Chegança**. Rio de Janeiro: Funarte, 1976. 39 p., il. (Cadernos de folclore, 14).
- BRANDÃO, Toni. **Chula**. Ilustrado por Denise Rochael. São Paulo: Studio Nobel, 2006. 19 p., il. (Festas brasileiras).
- BENJAMIN, Roberto. **Congos da Paraíba**. Rio de Janeiro: Funarte, 1977. 23 p., il. (Cadernos de folclore, 18).
- CORTÊS, Gustavo. **Dança, Brasil!** : festas e danças populares. Belo Horizonte: Leitura, 2000. 202 p., il.
- FERRETI, Sérgio. **Dança do lele**. Rio de Janeiro: Funarte, 1978. 39 p., il. (Cadernos de folclore, 22).
- ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. Organizado por Oneyda Alvarenga. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002. 852 p. (Reconquista do Brasil, 227).
- PELEGRINI FILHO, Américo. **Danças folclóricas**. 2. ed. São Paulo: Esperança, 1986. 76 p., il.
- BRANDÃO, Toni. **Festa de Iemanjá**. Ilustrado por Denise Rochael. São Paulo: Studio Nobel, 2006. 19 p., il. (Festas brasileiras).
- XAVIER, Marcelo. **Festas**. Ilustrado por Marcelo Xavier. Fotografia de Gustavo Campos, Eugênio Sávio. São Paulo: Formato, 2000. 28 p., il. (O folclore do mestre André).



SANTA ROSA, Nereide Schilaro. **Festas e tradições**. São Paulo: Moderna, 2002. 32 p., il. (Arte e raízes).

BRANDÃO, Toni. **Festas juninas**. Ilustrado por Denise Rochael. São Paulo: Studio Nobel, 2003. 19 p., il. (Festas brasileiras).

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000. 176 p.

CATTANI, Luciana; BOIERAS, Gabriel; CALDAS, Sérgio Túlio. **Festas populares brasileiras**. Barueri: Manole, 2006. 128 p., il. (Imagens do Brasil).

FOLCLORE: danças e ritmos do Brasil. São Paulo: Abril, 2000. 37 p., il. (De olho no mundo).

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore nacional I: festas, bailados, mitos e lendas**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 592 p., il. (Raízes).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A folia de reis de Mossâmedes**. Rio de Janeiro: Funarte, 1977. 36 p., il. (Cadernos de folclore, 20).

ROSA, Sonia. **Jongo**. Ilustrado por Rosinha Campos. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2007. 16 p., il. (Lembranças africanas).

FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 424 p., il.

BRANDÃO, Toni. **Maracatu**. Ilustrado por Denise Rochael. São Paulo: Studio Nobel, 2006. 19 p., il. (Festas brasileiras).

ROSA, Sonia. **Maracatu**. Ilustrado por Rosinha Campos. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2007. 16 p., il. (Lembranças africanas).

VICENTE, Ana Valéria. **Maracatu rural: o espetáculo como espaço social**. Recife: Associação Reviva, 2005. 148 p., il. (Maracatus e maracatuzeiros, 3).

BOIERAS, Gabriel; CATTANI, Luciana; SÁ, Marco Antônio. **Maravilhas do Brasil: festas populares**. São Paulo: Escrituras, 2006. 120 p., il.



XAVIER, Rubens; DIAS, Paulo (Dir.). **No repique do Tambú**: o batuque de umbigada paulista. São Paulo: Associação Cultural Cachuera!, 2003. 1 fita de vídeo (55 min.), VHS/NTSC, son., color.

BRANDÃO, Théo. **Quilombo**. Rio de Janeiro: Funarte, 1978. 40 p., il. (Cadernos de folclore, 28).

FERRETI, Sérgio; CÉCIO, Valdelino; MORAES, Joila. **Tambor de crioula**. Rio de Janeiro: Funarte, 1981. 59 p., il. (Caderno de folclore, 31).

### Músicas



AMORES DA LUA. **Banda de Congo**: Amores da lua – 50 anos. Vitória, 1999. 1 CD (54 min.), estéreo.

BATUQUES do Sudeste. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, [s.d.]. 1 CD (56 min.), estéreo. (Itaú Cultural: Documentos sonoros brasileiros: Acervo Cachuera!, 2).

CORAL TROVADORES DO VALE. **Beira mar novo**. Belo Horizonte: Lapa – Cia de Ação Cultural, 1998. 1 CD (57 min.), estéreo.

TERRAMÉRICA. **Boi do Brasil**. São Paulo: Devil Discos, 2004. 1 CD (52 min.), estéreo.

BOI PIRILAMPO. **Boi Pirilampo**: arte popular do Maranhão. São Luís: JBG, 1997. 1 CD (57 min.), estéreo.

GARCIA, Rose Marie Reis; MARQUES, Lilian Argentina. **Brincadeiras cantadas**. Porto Alegre: Kuarup, 1988. 124 p.

BRINCADEIRAS de roda, estórias e canções de ninar. São Paulo: Eldorado, 1983. 1 CD (35 min.), estéreo.

CARVALHO, Tião; Boi Do Cupuaçu. **Bumba-boi maranhense em São Paulo**. São Paulo: Nankin Editorial, 2001. 1 CD (66 min.), estéreo.

PÉ NO TERREIRO. **Cacuriá**. São Paulo: [s.n.], 2006. 1 CD (40 min.), estéreo.



CAIXEIRAS da Casa Fanti-Ashanti tocam e cantam para o divino. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 2002. 1 CD (70 min.), estéreo. (Itaú Cultural: Documentos sonoros brasileiros: Acervo Cachuera!, 5).

CANÇÕES do Brasil: o Brasil cantado por suas crianças. São Paulo: Palavra Cantada, 2001. 1 CD (54 min.), estéreo. (Erê).

ZISKIND, Hélio. **Cantigas de roda**. São Paulo: MCD World Music, 2004. 1 CD (28 min.), estéreo.

CANTIGAS de roda: canções folclóricas do Brasil. São Paulo: Palavra Cantada, 1998. 1 CD (29 min.), estéreo. (Palavra cantada).

CANTIGAS e danças da cultura popular tradicional brasileira. São Paulo: CEVEC, 2004. 1 fita de vídeo (32 min.), VHS/NTSC, son., color.

ROMERO, Sílvio. **Cantos populares do Brasil**. São Paulo: Itatiaia, 1985. 308 p. (Reconquista do Brasil, 86).

ANTÔNIO, Chico. **Chico Antônio**: no balanço do ganzá. São Paulo: Atração Fonográfica, 1998. 1 CD (42 min.), estéreo. (Itaú Cultural: Acervo Funarte: Música Brasileira, 57).

VILLA-LOBOS, Heitor. **Cirandas e cirandinhas**. Rio de Janeiro: Kuarup, 1979. 1 CD (68 min.), estéreo.

CONGADO mineiro. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, [s.d.]. 1 CD (58 min.), estéreo. (Itaú Cultural: Documentos sonoros brasileiros: Acervo Cachuera!).

CRISTÃOS x Mouros nas danças dramáticas brasileiras. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 2002. 1 CD (66 min.), estéreo. (Itaú Cultural: Documentos sonoros brasileiros: Acervo Cachuera!).

D'ASSUMPÇÃO, José Teixeira. **Curso de folclore musical brasileiro**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1967. 228 p., il.

PRIETO, Heloísa; PUCCI, Magda Dourado. **De todos os cantos do mundo**. Ilustrado por Graça Lima. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008. 48 p., il.



MAWACA. **De todos os cantos do mundo**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008. 1 CD (32 min.), estéreo.

DOCUMENTO sonoro do folclore brasileiro 1. São Paulo: Atracção Fonográfica, 1998. 1 CD (46 min.), estéreo. (Itaú Cultural: Acervo Funarte: Música Brasileira, 3).

DOCUMENTO sonoro do folclore brasileiro 2. São Paulo: Atracção Fonográfica, 1998. 1 CD (49 min.), estéreo. (Itaú Cultural: Acervo Funarte: Música Brasileira, 14).

DOCUMENTO sonoro do folclore brasileiro 3. São Paulo: Atracção Fonográfica, 1998. 1 CD (46 min.), estéreo. (Itaú Cultural: Acervo Funarte: Música Brasileira, 28).

DOCUMENTO sonoro do folclore brasileiro 4. São Paulo: Atracção Fonográfica, 1998. 1 CD (47 min.), estéreo. (Itaú Cultural: Acervo Funarte: Música Brasileira, 32).

DOCUMENTO sonoro do folclore brasileiro 5. São Paulo: Atracção Fonográfica, 1998. 1 CD (35 min.), estéreo. (Itaú Cultural: Acervo Funarte: Música Brasileira, 44).

DOCUMENTO sonoro do folclore brasileiro 6. São Paulo: Atracção Fonográfica, 1998. 1 CD (49 min.), estéreo. (Itaú Cultural: Acervo Funarte: Música Brasileira, 49).

DOCUMENTO sonoro do folclore brasileiro 7. São Paulo: Atracção Fonográfica, 1998. 1 CD (36 min.), estéreo. (Itaú Cultural: Acervo Funarte: Música Brasileira, 55).

FAMALIÁ sons do Urucua. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 2002. 1 CD (46 min.), estéreo. (Itaú Cultural: Documentos sonoros brasileiros: Acervo Cachuera!).

GUAÇATOM. **Grupo Guaçatom**. Direção de Isa Uehara. Cotia: Associação Filantrópica Criança Feliz, 2011. 1 CD, estéreo.

MOREIRA, Maura; VIEIRA, Sonia Maria. **Maura Moreira**: o canto da terra. São Paulo: Atracção Fonográfica, 1998. 1 CD (43 min.), estéreo. (Itaú Cultural: Acervo Funarte: Música Brasileira, 58).

MOSAICO musical dos quilombos. São Paulo: Associação Cultural Cachuera!, 2002. 1 CD (53 min.), estéreo.

SUZIGAN, Maria Lúcia Cruz; MOTA, Fernando. **Música folclórica brasileira para jovens e crianças**: v. 1. São Paulo: G4 Editora, 1999. 46 p.



MÚSICAS folclóricas: v. 1. São Paulo: G4 Editora, 2001. 1 CD (44 min.), estéreo.

MÚSICAS folclóricas: v. 2. São Paulo: G4 Editora, 2001. 1 CD (59 min.), estéreo.

LIMA, Monica; LEPIQUE, Roseli. **Músicas folclóricas brasileiras**: caderno de atividades: v. 1. São Paulo: G4 Editora, 2001. 56 p., il.

LIMA, Monica; LEPIQUE, Roseli. **Músicas folclóricas brasileiras**: caderno de atividades: v. 2. São Paulo: G4 Editora, 2001. 60 p., il.

MÚSICAS folclóricas brasileiras: para o professor ensinar os alunos a cantar. [s.l.; s.n.], 2000. 1 CD (44 min.), estéreo.

NAÇÃO ERÊ. **Nação Erê**. São Paulo: Palavra Cantada, 2000. 1 CD (29 min.), estéreo.

XAVIER, Rubens; DIAS, Paulo (Dir.). **No repique do Tambú**: o batuque de umbigada paulista. São Paulo: Associação Cultural Cachuera!, 2003. 1 fita de vídeo (55 min.), VHS/NTSC, son., color.

Ô, BELA ALICE...: música tradicional da infância no sertão da Bahia no começo do século XX. Salvador: Casa das 5 Pedrinhas, 2004. 1 CD (44 min.), estéreo.

OUTRAS terras, outros sons. São Paulo: Callis, 2003. 1 CD (35 min.), estéreo.

PANOS & lendas: cantigas de roda. 1999. 1 CD (32 min.), estéreo.

PONTO DE PARTIDA; MENINOS DE ARAÇUAÍ. **Roda que rola**. Belo Horizonte: Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, 1999. 1 CD (64 min.), estéreo.

GÓES, Lúcia Pimentel de Sampaio. **Rodas e bailes de sons encantados**. Ilustrado por Graça Lima e Roger Mello. São Paulo: Larousse do Brasil, 2005. 32 p., il. (Banquete folclórico).

SÃO Paulo corpo e alma. São Paulo: Associação Cultural Cachuera!, 2003. 1 CD (65 min.), estéreo.

SÃO Paulo corpo e alma. São Paulo: Associação Cultural Cachuera!, 2003. 1 DVD (55 min.), son., color.





SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria de Estado e Cultura. **São Paulo corpo e alma**. São Paulo: Associação Cultural Cachuera!, 2003. 63 p., il.

SEGREDOS do sul. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, [s.d.]. 1 CD (49 min.), estéreo. (Itaú Cultural: Documentos sonoros brasileiros: Acervo Cachuera!).

TINHORÃO, José Ramos. **Os sons que vêm da rua**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005. 237 p.

BUMBA MEU BOI BRILHO DO JARDIM AMÉRICA. **Sotaque de orquestra**: vol. 2. São Luís: Sotaque, [s.d.]. 1 CD (40 min.), estéreo.

BUMBA-BOI UNIDOS VENCEREMOS. **Sotaque zabumba**. São Luís: Sotaque, 2003. 1 CD (53 min.), estéreo.

GRUPO CUPUAÇU. **Toadas de bumba meu boi**. São Paulo: Núcleo Contemporâneo, [s.d.]. 1 CD (51 min.), estéreo.

XV ENCONTRO DE GIGANTES. São Luís: J R Gravadora, 2006. 1 CD (64 min.), estéreo.

## Referência



CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2002. 768 p., il.

## **Para saber mais:**

### **Abaçaí Organização Social de Cultura**

Página da Organização Não Governamental Abaçaí Cultura e arte em parceria com a Secretaria de Cultura do estado de São Paulo destinada à organização, divulgação e fomentação de pesquisa e eventos relacionados à cultura popular brasileira.



## **Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular**

*Site* destinado a informar a respeito das principais atividades, acervos, parcerias, programas vinculados ao do Centro nacional de Folclore e Cultura Popular, instituição pública ligada ao Instituto do Patrimônio Artístico Nacional, que tem por missão fomentar e executar projetos em nível nacional voltados para a pesquisa, documentação, difusão e apoio a expressões das culturas populares brasileiras.

## **Jangada Brasil**

Página com um acervo de contos, histórias, mitos, lendas, partituras, letras de músicas e muito mais a respeito da cultura brasileira.

## **Memória Viva de Câmara Cascudo**

*Site* criado em homenagem a Câmara Cascudo, historiador, advogado e jornalista brasileiro, pesquisador assíduo e dedicado da cultura popular brasileira. Contém materiais escritos pelo autor, muitos deles inéditos ou pouco conhecidos do grande público.

## **Missão de Pesquisas Folclóricas – Mário de Andrade**

*Site* com o acervo do projeto Missão de Pesquisas Folclóricas, criado em 1938 com o intuito de documentar a “arqueologia musical dos recônditos do Norte e do Nordeste”, em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e com o Sesc. Contém músicas, fotos e textos a respeito da música proveniente do Norte e Nordeste do país.

## **Terra Paulista: música, artes, arquitetura e literatura paulista**

Página do projeto Terra Paulista, concebido e idealizado pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, que tem por objetivo estimular um olhar crítico para a formação e o desenvolvimento cultural do interior do estado de São Paulo. O *site* contém um acervo de pesquisas sobre a cultura, a arquitetura, as músicas e muito mais a respeito da nossa cultura popular.

Agosto/2011

## **Voltar ao início**